



Educação

ISSN: 0101-9031

ISSN: 1984-6444

revistaeducacaoufsm@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria

Brasil

Trajeiro Cara, Daniel; Wagner York, Sara
Entrevista com Sara York: A Travesti da/na educação Entrevista
sobre atuação e vida da professora Sara Wagner York.
Educação, vol. 45, 2020, Enero-Diciembre, pp. 1-35
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.5902/1984644458266>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117162553112>

- ▶ [Cómo citar el artículo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Más información del artículo](#)
- ▶ [Página de la revista en redalyc.org](#)

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso
abierto

Entrevista com Sara York: A Travesti da/na educação Entrevista sobre atuação e vida da professora Sara Wagner York.

Sara York Interview: The Travesti in/of/from education
Interview about the performance and life of teacher Sara Wagner York.

Entrevista a Sara York: La travesti de/em la educación
Entrevista sobre la actuación y la vida de la profesora Sara Wagner
York.

Daniel Trajeiro Cara

Cientista político Brasileiro, graduação em Ciências Sociais, Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo (1996-2000). Jornalista, entrevistador do canal do Youtube “Jornalistas Livres”.

tojeira.cara@gmail.com

Sara Wagner York

Ativista pelos direitos LGBTQI+, faz parte da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) no Brasil. Coeditora do livro *Corpos transgressores: políticas de resistência*.

sarayork.london@yahoo.co.uk

Recebido em 02 de outubro de 2020

Aprovado em 04 de novembro de 2020

Publicado em 21 de dezembro de 2020

RESUMO

Entrevista sobre a inserção de (minhas) experiências docências e pessoais, para compreender as distâncias e aproximações entre o campo educacional e um corpo travesti, foram fundantes para cartografar a vida social do corpo trans/travesti nos fluxos desse acesso à pós-graduação. Outra questão levantada foram as condições de possibilidade para o acesso e a permanência de pessoas trans/travestis na universidade, que des(a)fiam os limites da política de cotas. Os efeitos de nossas presenças em espaços públicos, entre eles a escola, geram um bolsão que produz e flerta com várias pedagogias e estéticas da existência. Entrevista feita via conferência pela internet, na plataforma Youtube onde participaram.

Palavras-chave: Travesti da educação; travestis na Educação; Cisgeneridade.

ABSTRACT

The interview about the insertion of (my) experiences, to understand the distances and approaches between the educational field and a travesti body, was fundamental to cartograph the social life of the body trans/travesti in the flows of this access to post-graduation. Another issue raised was the conditions of possibility of access and permanence of trans people in the university, challenging the boundaries of the policy of quotas. The effects of our presence in public spaces, the school among them, generate a concentration that produces and flirts with various pedagogies and aesthetics of existence. Interview made via internet conference, on the Youtube platform where they participated.

Keywords: Travesti in/of/from education; Trans/Travesti Quotas; Cisgenderism.

RESUMEM

Entrevista acerca de la inserción de (mis) experiencias, para entender las distancias y aproximaciones entre el campo educativo y un cuerpo travesti, fueron fundamentales para cartografiar la vida social del cuerpo trans/travesti en los flujos de este acceso a posgrado. Otro tema planteado fueron las condiciones de posibilidad para el acceso y permanencia de las personas trans/travestis en la universidad, desafiando los límites de la política de cuotas. Los efectos de nuestras presencias en los espacios públicos, incluida la escuela, generan un bolsón que produce y coquetea con diversas pedagogías estéticas y estéticas de la existencia. Entrevista realizada vía conferencia por internet, en la plataforma Youtube donde participaron.

Palavras-chave: Travesti de/em la educación; Difference; Cisgeneridad.

Introdução

Durante o período pandêmico de 2020, muitos sujeitos se viram sem famílias ou longe delas e sua forma de marcar seus conhecimentos pelo mundo foi escrevendo e/ou produzindo vídeos, conhecidos durante este período de livestreamings. Neste interim um diálogo com Daniel Cara, trouxe à baila a travestilidade, a transgeneridade e outras marcas da diferença que muitas vezes se torna letal no Brasil. A conversa ocorrida em junho de 2020 está condensada nestas linhas.

Daniel Cara: Boa noite a todas e todos! Mais um programa aqui no Jornalistas Livres, toda quinta-feira às oito e meia da noite. Nós entrevistamos uma pessoa que tem uma colaboração essencial sobre economia, política, educação... Enfim, sobretudo aquilo

que melhora a qualidade de vida das pessoas, que atinge também a vida das pessoas, ou seja, questões que de fato importam para cada uma e para cada um de nós. E hoje eu tenho a honra de entrevistar a minha amiga, Sara Wagner York, eu vou apresentar aqui para vocês quem é a Sara que vocês vão ficar de queixo caído. A Sara Wagner York é mulher trans, travesti, professora, investigadora, pai, avó... Isso eu não sabia hein Sara? Depois você tem que contar isso para gente. Coreógrafa, Cabelereira, Maquiadora, Pedagoga, Múltipla e Subversiva e é como ela se apresenta e Mestre em Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade da, aliás, da gloriosa Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ, e ela tem uma dissertação que foi super elogiada que é intitulada **“Tia, você é homem? Trans / da e na Educação: Desafiando Sistemas”** e aí o “Sis” de Sistemas é com “C”, e ela vai falar sobre isso, e ocupando a pós-graduação, na qual nessa atividade, nessa tese, ela investigou as políticas de cotas para Transexuais e Travestis, nos programas de pós-graduação Brasileiros. Minha amiga Sara, Boa noite!

Sara Wagner: *Boa Noite meu querido amigo, Daniel Cara, você que é a cara da nossa tentativa de trazer uma educação decente e muito obrigada pelo convite, pelo honroso convite. Impossível estar aqui e não agradecer a nossa maravilhosa “Rede da Campanha pelo Direito da Educação”, que faz parte junto com tanta gente boa, tanta gente bacana, que pensa em educação para gente como eu e pra gente que nem é como eu e nem é como você. Gente que talvez vá chegar um dia e vá subverter muito mais do que isso que a gente vem tentando fazer! Muito obrigada pelo convite!*

Daniel Cara: *Ah, foi uma honra te entrevistar Sara, e acho que todo mundo aqui né, tá se perguntando nesse momento assim, qual é a tua trajetória? Como você chegou até aqui e o que você pode contar pra gente sobre a sua trajetória? Como você se tornou professora? Essa é primeira pergunta, qual foi o caminho que você trilhou?*

Sara Wagner: *Eh... Eu acho que eu chego Daniel, como eu gosto de dizer que eu sou uma Travesti DA EDUCAÇÃO e também sou uma Travesti NA EDUCAÇÃO hoje. Porque educar e trabalhar com as dinâmicas da educação eu já faço há muito tempo.*

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

Acho que eu tinha quatorze ou quinze anos, eu já dava aula de “Baby Class”, para quem tem filho e criança, bem sabe, “Baby Class” são as aulas iniciais de Ballet Clássico para as crianças. Então eu já era professora nesse momento. Mais tarde eu fui trabalhar com montagem coreográfica, cheguei a ter formação de Ballet Clássico e Jazz.

Fui dançar e já era Sara, já usava salto, mas tinha ainda a possibilidade de estar fluindo o que chamaria de “um corpo gay”, por exemplo. E é justamente nesse momento que eu acho que eu vou entender que eu era uma Professora, sendo coreografa, trabalhando profissionalmente ainda com um grupo incidente um texto do Chico Buarque, que é “O meu Guri”, com um texto do Zé Nuaidi, que é um musical do Chico Buarque e isso em noventa e dois. E ali marcar muito bem a minha trajetória de educadora e de professora, porque naquele momento, além de fazer a direção de um musical, de ser coreógrafa, eu também trabalhava com menores de idade, inclusive alguns desses atores, trabalhava sobre a dinâmica desse Estado que abusa, desse Estado opressor, desse Estado que não tá nem um pouco preocupado com crianças em um modo plural, ele está preocupado com um tipo de criança, que é aquela criança que pode ser uniformizada e bem adequada, aquela criança que tem “um papai e uma mamãe” e a gente sabe há muito tempo que essas crianças elas já não são, né? Essas crianças, a onde elas estão? Que criança é essa que tem suporte de “papai e mamãe” como a gente acha que existe. As maiorias das famílias do Brasil não têm essa composição familiar, inclusive.

Então eu acho que eu venho assim, educação é isso aí. E mais tarde, fazendo outros trabalhos, eu tive um filho aos dezesseis anos e esse filho é retirado da minha vida, acho que, aos cinco, porque “ninguém quer ter um Pai que seja como eu” e talvez ser um Pai como eu fizesse muita vergonha a mãe naquele momento, e esse filho desaparece, ele some e eu vou ficar quinze anos sem ver meu filho. Quem tem filho sabe, o que vale um filho, em que você fica algumas horas ligando e ele não atende o telefone e eu fico quinze anos sem encontrar o meu filho. Nesse período de quinze anos muita coisa aconteceu, dessas muitas coisas, foram encontrar um destino possível, uma vida possível. E aí, trabalhando, tentando viver até que chego e desisto

com um pouco mais de quinze anos, desisto, tive que desistir do meu filho porque eu ia enlouquecer, “sem acha-lo e procurando e tentando” ... E, dado momento eu desisti desse filho. Eu falei: “Não, ele morreu, deixa pra lá e eu não quero mais saber disso”.

E fui embora tentar outra vida, já tinha formação em cabelo e trabalhando como cabelereira me restabeleci rapidamente, fui moradora de rua e me restabeleci com um Salão de Beleza. No Salão de Beleza no Brasil e para um Salão de Beleza em Londres foi um pulo, porque eu tive uma formação dada por uma avó, talvez por isso seja tão caro pra mim dizer aqui que eu sou uma avó, e essa geração que tem essa singularidade, essa geração de crianças que foram criadas com avó elas tem “um outro ritmo”, a gente compreende como esse corpo mais lento, menos acelerado... Então, a gente tem uma série de comprometimentos que a gente tem alí, quando a gente fala dessas crianças, “que tem pais mais velhos” que são os avós. E em Londres, trabalhando em Londres como cabelereira, eu atendi uma moça, fui atender uma moça, a convite de uma preta fabulosa chamada Rita Monteiro, que foi a primeira VJ da MTV, uma mulher assim, massa, é muito bom falar com ela, você iria gostar, e aí ela falou assim: “Olha, você vai atender uma das maiores estrelas, porque ela quer ser atendida por você” aí eu falei: “Ah, mas eu não estou preparada pra atender ninguém que faça sucesso no Brasil” e ela disse: “Ah, esse você vai querer” se chama Elza Soares. Daí eu falei, Ah (...) (risos)

Daniel Cara : *Ah... Meu Deus do céu...*

Sara Wagner: *(...) E aí eu fui atender Elza, porque ele iria ganhar o prêmio “cantora do milênio”. E alí eu acho que (...)*

Daniel Cara : *E isso em Londres?*

Sara Wagner: *É. Isso em Londres, eu lá no salão no Soho aí eu fui atender Elza, porque ele iria ganhar o prêmio “cantora do milênio”. E alí eu faço umas fotos com a Elza, tem até uma foto que a gente tá dando um Celinho e foi um dia maravilhoso, e essa foto circula nas redes sociais e eu muito feliz na minha vida, porque lá eu já*

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

estava também trabalhando com educação, trabalhando com população de rua, trabalhando com adictos usuários de drogas ilícitas e essa foto deu uma circulada e apareceu uma coisa lá no meu Facebook dizendo: “Favor ligar para o Brasil urgente”. “Ah, eu vou ligar pro Brasil? Não conheço esse povo. Não tenho parente lá, quero que todo mundo lá morra” (risos) Uma coisa bem assim, Olavista, “Eu não quero saber de nada dessa gente”. Estava muito magoada pelo processo de perda do meu filho, mas aí eu falei: “Ah, eu vou ligar” e umas duas semanas depois eu liguei. E foi bem engraçado, porque eu tava bem me achando, assim né, “a estrela”, aí eu ligo e falei:

“Alô”

“Alô, quem tá falando?”

“Aqui é a Sara, de Londres...”

E dando a carteirada já (risos)

E a pessoa do outro lado atende assim:

“Peraí, só um minutinho...”

E aí eu ouço aquele barulho de gente correndo, e aí a pessoa vai correndo e volta, quando ela volta, aí atende a pessoa:

“Alô” – E eu:

“Alô, quem é que tá falando – E aí a pessoa diz:

“Oi Pai, que saudade do seu cheiro meu pai...”

E era o meu filho.

Ele tinha me encontrado em um Facebook , numa foto de Elza Soares... (emocionada)

(...)

Daniel Cara : *Ah, pode chorar...*

Sara Wagner: *É que toda a vez que eu falo disso, são coisas muito cortantes nas nossas vidas Daniel e que são banalizadas. Toda a vez que eu falava do meu filho e da ausência do meu filho, parecia que a minha dor era menor do que a de outras pessoas. Sabe? Toda a vez que eu falava da distância e da minha saudade, parecia que o fato de eu ter um filho, o meu filho valia menos do que os outros filhos. E eu sou uma mulher que durante esses anos, que passou esses anos procurando esse filho, acho que eu descobri os grandes mestres espirituais do Brasil; de Chico Xavier a João de Deus.*

Então, todo lugar que me falavam: “Olha, tem uma senhora ou tem um senhor... A tia Neiva em Brasília, o Daime, a Ayhuasca, qualquer lugar que me dissessem assim, “olha tem uma senhora alí que sabe e que vê carta e que sabe como é que é”. Todos esses lugares, quando diziam, eu estava lá. Assim eu conheci Chico Xavier, assim eu conheci João de Deus, assim eu conheci Tia Neiva, assim eu conheci Manuel Jacinto Coelho, da Ordem Racional, da Cultura Racional, e assim, eu conheci os grandes líderes espirituais desse Brasil e procurando por um filho.

Em todos, o meu filho foi menor, porque era eu. (Emocionada)

E quando eu encontro o meu filho, já nesse momento, é, eu preciso fazer alguma coisa que faça isso algum significado e eu falei: “Eu vou voltar para o Brasil e vou refazer essa história de dar aula. Vou voltar, vou dar aula de Inglês, e dentro de uma escola. Eu quero ser uma Professora dentro de uma Escola”. E vou contar essa história, até todo mundo saber que existem essas professoras (emocionada)

Daniel Cara: *É isso aí Sara, é isso mesmo, e tem que contar essa história mesmo.*

Sara Wagner: *(emocionada)*

Ah, olha Deniel, eu fiz toda uma maquiagem que agora tá indo...

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

Daniel Cara: *Que isso, você tá linda! Não se preocupe com isso. E a sua história faz com que você fique ainda mais bonita e ainda mais brilhante. Só para você aí dar uma respirada (...)*

- (CORTE PARA A DANIEL CARA CUMPRIMENTANDO OS PARTICIPANTES DA LIVE E APRESENTANDO AS SUAS REAÇÕES E COMENTÁRIOS) -

Daniel Cara: *Sara, a sua história é a nossa história, porque a sua história faz parte da construção de quem está aqui assistindo o programa, e de todas as suas alunas, e de todos os seus alunos, de todxs alunxs como você já me ensinou. (risos) E isso é importantíssimo, porque é através das histórias, já diriam os grandes historiadores, já diria o velho Marx também. Ontem eu dei aula de Marx e falei dessa questão, porque a história é na verdade aquilo que nos faz humanos. Porque a questão concreta dos seres humanos é que eles imprimem uma marca aqui nesse mundo, infelizmente muitas vezes essa marca é uma marca de destruição, mas você tem aí, uma enorme e bela marca de construção.*

E aí me conta: Você se torna professora e como é ser Professora (...)

- (Sara Interrompe) -

Sara Wagner: *(...) Ah, peraí, antes disso, eu preciso contar uma coisa antes... E aí, eu tenho que voltar pro Brasil, e quando eu volto para o Brasil, na minha cabeça tá tudo muito fácil: Eu chego aqui no Brasil, eu conheço alguém e aí alguém me indica para uma escola pública e eu começa a dar aulas; Tudo simples, tudo resolvido. E quando eu chego aqui no Brasil não era nada disso. Tinha que prestar um concurso público se quisesse estar la dentro, tinha que ser capacitada, tinha que passar por um processo exigido pelo MEC e o MEC não facilitava naquele momento, agora facilita, agora tem uma “outra história por aí”, mas o MEC àquela altura, o MEC desse professor que a gente gosta, que é o Professo Fernando Haddad, era um MEC que ele exigia uma qualificação, ele tinha todo um traçado que era pensado “para esse*

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

professor múltiplo” e aí eu precisava de um Curso Superior na área de Educação para poder entrar e dar aula. E aí eu falo pro meu filho: “Filho, agora que eu estou aqui no Brasil, eu vou fazer uma faculdade e aí eu fui na Faculdade e passei. Já fiz a prova e já passei a Universidade chama “Universidade” aí ele fala assim:

“Ô Pai, nessa Universidade qualquer um passa, é só passar com a identidade lá que eles te passam!”

Eu falei – “Ah é?”

“É, isso se chama Universidade Privada, no Brasil é assim, nesses Universidades você passa de qualquer jeito. Agora, na pública é que é difícil”.

E aí, eu fiquei muito constrangida com o comentário dele, porque ele estava fazendo uma piadinha de mau gosto e eu achando que eu estava maravilhosa na vida, aí ele falou, “não, não é assim não”. E eu vou prestar o vestibular na UERJ, ingresso no vestibular na UERJ e passo no vestibular também, e aí eu já estava numa Universidade, e então eu resolvi concluir as duas no mesmo período, e assim, eu vou para dentro da sala de aula finalmente para tentar fazer alguma coisa alí que pudesse ser útil. E a gente tá tentando ainda né? (risos)

Daniel Cara: *Mas como que é assim. Você chega na sala de aula, então você passa aqui, pelo que eu tenho informação, pela Estácio de Sá, né?*

Sara Wagner: *Isso.*

Daniel Cara: *Na Estácio de Sá e na UERJ você se forma e aí você vai dar aulas. Como que é a sua chegada na Escola? Primeiro, importante dizer Sara, o município que você atua, você atua já no seu município? Ne?*

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

Sara Wagner: *Eu atuo, mas hoje eu estou atuando só como Professora de ED pelo EAD da uerj. Estou professora Universitária a distância na UERJ. Estou colaborando com a “informática na educação” com a Professor Ediméia Santos, Ediméia da ABECYBER né? Do GT vinte seis, então estou com esse pessoal. Sou orientanda do Professor Fernando Bocaí, que é uma sumidade no campo da pesquisa da subjetividade e da geração que discute isso tudo, e eu tenho que falar que sou amiga de Luly e da Inês Barbosa, se não, eu apanho. (risos)*

E eu acho que chego na sala de aula, muito colonizada por esse sujeito que manda na sala de aula. O que significa isso Daniel? Na pós-graduação, eu sentei uma vez ao lado de um colega que falava: “Eu tô fazendo uma pesquisa, e falo palavrão com os alunos do Ensino Fundamental” E eu desconstruo isso para o aluno do Ensino Fundamental, eu explico como é que esse palavrão pode reverberar negativamente quando ele pensa uma série de coisas.

Quando eu chego na sala de aula, numa das primeiras aulas, eu escrevo lá vários palavrões na lousa, e vou perguntando quais eles conhecem e quais eles utilizam e isso numa sala, em uma mesa de pós-graduação ao meu lado, daí eu falei, “Cara, isso é um gênio. Isso é um gênio maravilhoso!” Porque você mostra aqui que é um privilégio do homem “cis-hetero”, porque eu não posso fazer a metade disso. Se eu colocar um palavrão no quadro, eu nem volto para a sala de aula.

Então, assim, essas nuances que acontecem dentro da sala de aula e que não eram vistas começam a emergir muito fortemente, os meus alunos, por exemplo, eles me perguntam com muita facilidade:

“Ô Tia Sara, você é operada?”

No, início, eu fazia meio que desentendida, mas depois eu comecei a pensar:

“Operada de quê?” - e eles diziam:

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

“Ah Professora, você sabe! Você fez aquela cirurgia de mudança de sexo?”

Eu falei – “Amor, isso é muito íntimo, você já perguntou a algum professor de matemática se ele já fez cirurgia de fimose?” (risos)

E aí eu escapava daquela. (risos). Porque aí também a gente começou a questionar:

“Professora, você já colocou tal coisa”

Daí eu dizia – “Você já perguntou isso pra alguma outra Professora”?

Daí eu comecei a perceber que existia espaço para “alguns corpos ocuparem uma sala de aula e não tinha para outros”. Então, quem pensa em perguntar para o Daniel Cara do corpo dele? “E aí Daniel, você prótese?” Você faz isso? É... Você fez cirúrgia, sei lá, hemorroida, né? Ninguém quer falar disso. Mas com esse corpo, como que é visto, digamos, “público”, que é o corpo Trans na Educação, ele não tem os registros de um corpo privado, porque parece que tudo que é do Daniel, tem o “íntimo”, tem o “privado” e tem o “público”. Então eu não posso fazer certas perguntas ao Daniel, porque subentendesse que: “peraí, isso é do campo da intimidade dele”, mas como é com a Professora Sara, aí não, a esculhambação é aberta e aí a gente pode fazer o que a gente pode.

E essas nuances elas começaram na sala de aula a fazer muita diferença nas escolas em que eu passava, porque perguntava, escurecidamente, o que é que o aluno estava tentando dizer; E com perguntas que também faziam essa sala de aula repensar as suas dinâmicas de ensino e de aprendizagem.

“Porque que a gente vai poder falar desse corpo público da Professora Sara, e a gente não pode falar desse corpo público da professora fulana ou professor fulano, porque o corpo desse professor é privado? Eu me lembro que isso se parecia muito

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

àquela ideia que a gente tinha de: “Professor não dança, Professor não transa” ... Professor só come então, e de vez em quando, porque na verdade, ele só dá aula e a gente sabe disso. É igual mãe; O dia que a gente descobre que mamãe faz amor, a gente quer morrer... Né? Porque a gente pensa: “Nossa, ela também?”.

E isso é uma coisa que é do sentido do comum, do corriqueiro, do cotidiano e daquilo que atravessa as nossas vidas e que talvez, para algumas pessoas, não vai fazer sentido e para outras pessoas vão fazer TODO o sentido.

- (CORTE PARA A SARA COMENTANDO UM COMENTÁRIO, POSTO NA TELA, TRAZIDO PELA PARTICIPANTE CÁSSIA NONATO ONDE LÊ-SE: “Em todo local em toda instituição o corpo trans é entendido como público. Ridículo, pequeno isso em pleno ano 2020”) -

Sara Wagner: *A Cassia Nonato, que vem trazendo aqui pra gente um comentário, ela é uma mãe, é uma parceira, é uma aliada e ela é uma mãe de uma adolescente que é Trans e que também é intersexo. Então, assim, essa escola está preparada para a gente poder discutir, para a gente poder falar com esta criança? (...)*

Daniel Cara: *Então Sara, só uma observação, primeiro, eu vou mandar um beijo para a Cassia Nonato e pela presença e participação dela aqui, é importante para todo mundo que nos acompanha, que você explique esses termos, porque a maior parte das pessoas não conhece, inclusive, quero dizer que estamos sendo acompanhados por vários estudantes da Universidade de São Paulo, do curso de pedagogia, eu quero mandar um abraço para os meus alunos e para as minhas alunas, vários estudantes de escolas públicas... Então, esses termos, para uma parte desse grupo ainda são termos desconhecidos, então, seria importante que você explique então. A Cassia ela tem uma filha que é Trans e ela é Intersexo, então, o que isso significa?*

Sara Wagner: *Então, em padrões educacionais, para a escola hoje, tem o Daniel Cara, como guia, que a nossa rede produziu e que pensa nessa escola múltipla, nós*

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

temos alguma coisa. Nós temos alguma coisa, nós não temos tudo. Para alguns padrões de escola que nunca dialogaram conosco, por exemplo, essa escola ela nem existe, então esse aluno ele não vai existir.

*Porque é importante a gente, aqui, trazer o corpo “Intersexo” e a Cassia entra tão fabulosamente trazendo essa memória e essa lembrança. Nós gravamos uma live com as mães da **ABRAI** e isso tá na página da **ABRAI**, que é a **Associação Brasileira de Intersexo**, e lá tem muita coisa falando disso. O mais interessante Daniel, é que estimasse, a Organização da Nações Unidas, estima que entre 0,5 e 1.7% da população mundial seja Intersexo, ou seja, de cada cem pessoas que nós vemos, quase duas são Intersexo.*

Mas como assim? Eu vou te perguntar: “Você já viu alguma pessoa de cabelo ruivo e que tenha cabelo ruivo na sua vida?”

Daniel Cara: Ah, sim, sim.

Sara Wagner: *Então, você já conheceu alguém que tenha, por exemplo, vitiligo?*

Daniel Cara: *Sim.*

Sara Wagner: *Você já conheceu alguém que fosse... Bem, temos tantas amostragens que são muito superiores a essa. E que você já viu, ou seja, isso é MUITA GENTE. É muita gente, um corte de 0,7 de uma população toda, ser Intersexo no mundo, que tem esse corpo, e que esse corpo pode ser diferenciado em regime igonodal, ou seja, testículos e ovários, pode ser correlação a fenótipos, quer dizer “as estruturas externas”, aquilo que pode parecer mais um pênis ou mais uma vagina, ou pode parecer uma outra proporção que a gente não conhece e isso está no nosso dia-a-dia, no nosso cotidiano, está nas ruas do Brasil. E essa escola que a gente aprendeu que existia, ela não considera esse corpo! Ela não discute com esse corpo! Exatamente como a pornografia, eu pergunto a você: “Quando foi que você aprendeu*

coisas sobre sexo”? A gente tá dando um curso agora que se chama: **“Introdução a Teoria Queer”** pelo **PROINICIA** da **UERJ**, e eu estou ministrando esse curso com o **Professor Rodrigo Torres**, e uma das minhas perguntas é: “A onde você aprendeu sobre sexo na sua vida? Quem te ensinou a fazer sexo? Por exemplo, é... Isso é uma pergunta, e aí, os alunos eles param pra pensar, se foram com colegas, se foi com parentes, foi com revistinha ou foi com filme...”

Então perceba, que inclusive, enquanto a nossa produção de subjetividade do corpo, “no fazer do prazer”, tá relacionado justamente a uma forma que é violenta para a mulher. Sempre colocam o homem como uma “grande coisa” e a mulher como “algo menor”, então, todas essas instâncias, elas acabam passando por esse “corpo” que é “naturalizado para a Escola”, o que significa, “para você falar, tá ok, porque a gente não vai falar da sua genitália”, “eu não vou falar de sexo com o Professor Daniel” né? “Eu não vou falar de sexo com a Professora Catarina, que é a nossa parceira aí né? Ora, com a Professora Catarina eu não vou falar de sexo... Não vou falar, por exemplo, de silicone, implante.... “Ah, mas com a Professora Sara, eu posso”.

Então, todas essas dinâmicas, “do fazer”, “do pensar a sexualidade”, “direitos sexuais”, “direitos reprodutivos”, tudo isso, está dentro da sala de aula. E a gente fazia de conta de que não existia.

Quando eu chego nesses espaços e não sou eu Sara, mas qualquer corpo, ou um corpo Trans ou um corpo mais agudo nessa discussão, ou um corpo gay, um corpo lésbico, uma mulher lésbica, um homem gay... Quando esses corpos chegam em uma Escola eles causam desconforto. Porque que causa esse desconforto? Porque não existia “aquilo” até então. Então esse corpo tende a ser rechaçado, a ser retirado, até que a gente pega essa lente e diz: “Não, vamos olhar isso mais de perto, deixa eu ver aqui de perto se a gente tá normal...” E aí, como dizia o grande poeta: “De perto, ninguém é normal” Né? Ninguém é normal.

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

A gente tem todas as nossas ‘nuances’ das nossas vivências, e a gente tenta se aproximar, de alguma forma daquilo que é descrito, nas nossas ciências, bio-medico-patologisantes muitas vezes, porque a medicina também faz esse favor para a gente, porque a medicina foi se desenhando com o que se falava: “Isso aqui é bom” automaticamente a outra coisa era tido como ruim. Então, um homem que tem um falo, um pênis de um jeito, aí fala: “Isso é okay”, mas então, esse outro aqui, provavelmente deve ser ruim.

Todas essas nuances, elas vão dialogar muito com intersexo, com o que a gente vai chamar muito de “Marcas da Diferença”, a diferença como “marca” social. Acho que é isso. (...) Muita coisa né? Muita coisa a gente tá falando...

Daniel Cara: *Sim. Deixa eu contar aqui para algumas pessoas, porque algumas pessoas perguntaram qual foi o guia que você citou e eu aqui passei para a minha chefe, a Cátia Passos, aqui na técnica, para ela dispor o link aqui para as pessoas, mas o guia que a Sara cita, é o “**Guia Nacional pelo Direito a Educação**”, que trata da educação na Pandemia na perspectiva da inclusiva, inclusive é o primeiro guia, e a Sara pode contar isso pra gente, que ela é autora com dois nomes que se apresentam no guia. Então seria legal até pra gente você contar essa construção que foi feita na **Campanha Nacional pelo Direito a Educação**, que fica como um aprendizado e uma orientação para quem nos acompanha aqui Sara.*

Sara Wagner: *Exato. Eu acho que é fabuloso! O primeiro que eu tenho a dizer de que eu estou lá nesse guia, pensando esse guia com a Andressa Pelana, à partir da sua coordenação, mas também pensando junto com grandes nomes dessa área, e aí, a gente pode falar aqui da professora Liliana, a gente pode falar do Professor Wagner Santana, gente da melhor qualidade, e aí você estão vendo aí na tela. (...)*

- (CORTE PARA A CAPA DO GUIA: “GUIA COVID 19 – EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA - INFORME-SE E SAIBA COMO AGIR, COBRAR E TRABALHAR PELA EDUCAÇÃO DE MANEIRA COLABORATIVA) -

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

Sara Wagner: (...) Vocês podem ver que é um Guia de Educação Especial dentro de uma perspectiva inclusiva: “O quê que significa isso?” Pensar a criança com deficiência, mas não apenas isso, pensar em uma criança com deficiência, mas que também, segura nessa página Cátia, para a gente falar um pouquinho sobre essa parte (...)

- (CORTE PARA A SEGUNDA PÁGINA DO GUIA: “GUIA COVID 19 – EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA - INFORME-SE E SAIBA COMO AGIR, COBRAR E TRABALHAR PELA EDUCAÇÃO DE MANEIRA COLABORATIVA) -

Sara Wagner: (...) e a gente pensar que essa criança é uma criança com deficiência, mas que pode e vai se tornar um adulto, que também tem as nuances dos direitos sexuais e reprodutivos, e em direito ao prazer, tem vários direitos que são assegurados a essa criança.

E aqui, a gente fez uma coisa meio ousada que foi trazer os dois nomes: Eu coloquei o nome “Sara Wagner York”, que é meu nome no Instagram, no Facebook, no Midium, onde tem vários textos meus, mas também coloquei “Sara Wagner Pimenta Gonçalves Júnior, porquê Daniel? Porque Sara Wagner York é o meu nome social e isso é um nome que é muito utilizado por jovens e adolescentes no Ensino Fundamental e no Ensino Médio cada vez mais, e a escola precisa garantir que compreendem-se como Trans ou Travestis o direito ao uso do nome, porque a função do nome na escola é essa, que é trabalhar com as diferenças, é socializar a partir das diferenças e não uniformizar sujeitos e militarizar estruturas, como algumas pessoas tendem insistentemente em dizer. Então eu coloco os dois nomes pra dizer: “Olha, eu tenho dois nomes, um é social e o outro é o registro cível”. E pela primeira vez a gente teve que justificar isso, e aí, muito prontamente eu fiz esse pedido a quem estava desenhando esse guia que é a Andressa, “Andressa, coloca um asterisco e explica que isso é uma parte política de inserção do nome social a pessoas Trans e Travestis”.

Porquê que eu estou dizendo que eu sou Travesti, Daniel? Seria muito fácil eu dizer que sou uma Professora Trans. Eu sou uma mulher Trans, ou eu só sou uma mulher. Poderia fazer isso, à partir da Lei de 2018, que permite retificação documental. Mas a gente “aciona” a Travesti, justamente porque a palavra Travesti, a mulheres que ainda estão sendo jogadas ao trabalho sexual e não tem nenhum problema em uma pessoa em decidir por trabalhar com a venda da sua “hortaliça”, do seu conhecimento, que é o que a gente faz, nós somos professores e nós vendemos conhecimento ou alguém quer vender o corpo, pra mim, tudo faz sentido. Agora, o que não é admissível é que a prostituição seja o único local que uma Trans possa estar, e as Travestis no Brasil, estão sempre relacionadas a prostituição e de modo muito ardiloso pelo sistema governamental, como sujeita de segunda categoria, como pessoas com menos direitos e a gente precisa lembrar: “Mulheres Trans e Travestis são retiradas das escolas, são expulsas do Sistema Escolar, por que são simplesmente “Trans”. Então quando começa, bem entre aspas, a “enviadar”, ou a “ensapatiar”, por exemplo né? Se é que existe esse nome, aí a Escola não gosta mais dessa pessoa, ou ela tolera, desde que não fale bobagem, desde que não haja de certa forma, e a gente vem repensando tudo isso, porque a gente quer uma Escola que olhe para o Daniel e que diga: “O Daniel é um grande homem da educação”, a gente quer olhar para outros corpos e dizer: “Esses corpos também são da educação”, mas a gente quer também olhar para uma Travesti, que poderia também compor os noventa por cento do corpo da educação, que estão em situação de prostituição no Brasil, e dizer: “Essa pessoa, pode também ser uma Professora.

E aí com muito orgulho eu digo: Eu sou uma Travesti da Educação! Eu sou uma Travesti na Educação! E isso precisa ser repetido, mas às vezes cansa... Não é? Às vezes cansa e parece que a gente tá falando sempre a mesma coisa. E porquê que a gente tem que repetir muitas e muitas vezes? E aí, você me ajuda muito quando você repete também, porque a gente tá lutando contra um sistema “hegemônico”, onde você vai ser sempre entendido, como uma coisa que “você é aceita” e eu como uma coisa “que talvez a gente aceite”.

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

Então, eu estava brincando com você e com a Cátia antes da gente começar: “Ô Daniel, você não sabe que meninos vestem azul e meninas vestem rosa? Ne? A a gente riu disso e isso é uma forma de uma frase dita pela Ministra da Família desse país, que parece que é um absurdo, mas não é absurdo! O que ela tá dizendo é: Vamos trocar um pouquinho as palavras: “Se eu disser pra você, ‘meninos vestem calça e meninas usam saia e vestido’ aí vai fazer sentido”. Porque você não vê homens por aí andando de saia ou de vestido. Então quando ela aciona a “cor”, ela está falando de “um aspecto”, mas a gente pode intercalar isso como múltiplos aspectos e em todos esses aspectos repensados, a gente sempre vai entender que um corpo feminino ele é subalternizado, ele é diminuído, ele é melhor. Se esse corpo for feminino e negro, então ele é muito menor, e se ele for feminino, negro e travesti, ele está praticamente condenado a morte, neste país que mata tudo que é diferente. Começando pela história, quando alguém diz: “Eu não quero ouvir isso aí que você está falando, essa pessoa não precisou me dar uma facada, porque ela começou matando e minha história” E aí Daniel, (emocionada) eu volto, lá no começo da nossa conversa para perguntar:

“O meu neto vale menos?”

“O meu filho vale menos?” (emocionada)

Porque se eles não valem menos, porque a minha roupa tá condenando toda a minha família, a uma categoria de segunda ou de terceira ou da morte? Porquê que eu tô sendo apagada? Porquê que a minha história ela é menor? E o tempo todo a gente fica pensando: “Quanto serão os outros parceiros?” Eu sei que o Daniel já é o meu parceiro... Eu sei que quem tá aqui ouvindo, pode ter empatia, pode decidir caminhar junto, pode dizer “olha, eu vou conhecer mais essa mulher, vou entender melhor o que ela tá falando”, mas tem muita gente que vai dizer: “A cloroquina me curou” (risos)

Alguém vai dizer “que a terra é plana”, e que a minha vida vale muito porque somos todos iguais. Mas eu digo, na realidade, no dia-a-dia, no cotidiano, a cada passo, será

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

que somos todos iguais? Eu sinto isso cotidianamente. E eu tento criar esse aspecto, para que “alguns alunos meus” possam inclusive, estar de igual para igual. Mas eu vejo, que alguns alunos meus que são “negros distintos” se forem gays, ou se forem pessoas Trans, eles ainda têm muita coisa para enfrentar. Porque dentro da minha sala de aula, talvez eles possam encontrar “algum eco” e isso fique menos doloroso.

Mas quantas salas de aulas preparadas nós temos preparadas hoje no Brasil para lidar com as diferenças? O último ENEM trouxe para gente isso, no último Governo Dilma Rousef, a gente teve uma discussão com os surdos, com a comunidade surda. Naquele momento Daniel, a gente não sabia sequer, como que os alunos que iam e lidavam com a diferença, poderiam discutir esse “capacitismo”, a gente estava falando de “capacitismo”, que pode ou não acionar o conhecimento à partir da sala de Aula, tendo um corpo da diferença alí ao lado. A gente tinha muitos poucos dados naquele momento e isso com uma política que pensava em várias frentes, imagine agora, que a gente consegue dizer para uma jovem, em situação de abuso, a onde ele pode encontrar um programa do Governo que lhe atenda. E aí, eu preciso lembrar aqui, que durante esse ano, o Governo Federal tirou de circulação o aborto legal. O Aborto Legal, que era um programa do Governo Federal que dizer que “se uma criança fosse estuprada, ela tinha um lugar para poder recorrer, a exigir um direito e a ter a possibilidade de um aborto para esse motivo”. Então é um Governo que tem se colocado de um modo omissivo e isso não vai mudar até que a gente entre, em todas as salas de aula e explique, a gente tentou fazer isso, de “baixo pra cima”. A gente tentou isso tentando falar com os Professores, mas infelizmente, a gente ainda precisa vir de “cima para baixo” e aí de “cima para baixo” vem a política de cotas.

Daniel Cara: *Sim. Você sabe? Deixa eu te contar uma história bem rápida aqui, sobre essa “figura” que infelizmente ocupa a Presidência da República:*

O ano é 2011 e a Campanha Nacional pelo Direito a Educação fez uma Semana de Ação Mundial sobre o “Direito a Educação e a Diversidade” e era o primeiro ano do Governo Dilma, e a escolha do tema era, na época que quem coordenava a

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

semana de ação mundial era a Iracema Santos do Nascimento, que inclusive te mandou um beijo, que inclusive, ela queria estar aqui junto conosco, mas ela está em uma outra atividade, mas ela recomendou para outros estudantes dela, e certamente, ela irá acompanhar depois aqui a nossa live e a Iracema organizou a Semana de Ação Mundial, até porque era resposta a toda articulação política que Eduardo Cunha e Jair Messias Bolsonaro, e outras figuras nefastas que a política brasileira tinham desencadeado e articulado aquilo que tinha-se falado o que era Homofobia, que era o “Kit contra Homofobia” que eles batizaram como “Kit Gay”.

E aí a gente faz a semana de ação mundial com muito apoio de uma grande mulher, que é a única Governadora de Estado do Brasil, que é a Governadora Fátima Bezerra, na época Deputada Federal, a gente faz a semana de ação mundial Sara, lotou como nunca tinha lotado o corredor das comissões, que é o plenário da CCJ, nunca foi tão lotado na vida daquele plenário, e aí a gente lota com um monte de gente e na mesa estava presente uma mulher trans que ela fala sobre esses temas que você traz presente “sobre a dificuldade que ela teve de se formar e porquê ela foi para a educação de jovens e adultos, porque na verdade quando ela era criança, a escola expulsou ela, e só dois parlamentares acompanhavam a sessão, Fátima Bezerra na primeira fila e o deputado Tiririca também na primeira fila. O Deputado Tiririca ele chorava. Ele não tem um bom desempenho parlamentar não porque ele falta em muitas sessões, ele faz muitas brincadeiras, mas naquele momento era o primeiro mandato dele, e ele disse pra gente assim: “Olha, eu quero fazer jus ao mandato fazendo parte dessa luta”. E o Bolsonaro ficou sabendo, e eu sou de Pirituba, hoje eu não moro mais em Pirituba, mas Pirituba nunca saiu de mim, quando eu vejo o Bolsonaro entrando na sala já fazendo provocação, ela na hora era um Deputado Federal, na hora eu saio da mesa e vou enfrentar o Bolsonaro, dizendo que ele não entraria ali, eu nem tinha direito de fazer aqui, ele é parlamentar e ele poderia entrar a onde ele quisesse, mas eu peitei o Bolsonaro e ele ficou, porque também o Bolsonaro é “cão que ladra mas não morde” na hora H, e tem isso também né? O Bolsonaro ele é extremamente homofóbico e extremamente machista, mas quando ele se depara, por ser extremamente homofóbico e machista, com outros homens,

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

porque tinham outros homens comigo ali, fazendo pressão sobre ele, covardemente ele sai da sala e não entra em discussão, e que eu não ia as vias de fato até porque não caberia isso, mas eu fui lá para intimidá-lo querendo desrespeitar as pessoas que estavam na sala.

E aí o que eu quero te dizer Sara, é que foi a audiência pública mais lotada, da história da Campanha Nacional pelo Direito da Educação, e só dois deputados estavam presentes na mesa e aí eu faço uma crítica para a Direita e para a Esquerda, na mesa estava uma mulher Trans, e eles não queriam aparecer na foto da atividade porque alí havia uma mulher Trans, e é por isso que eu digo: Faz toda a diferença a Governadora Fátima Bezerra no Governo do Rio Grande do Norte porque a Fátima Bezerra ela enfrenta todas a brigas que precisam ser enfrentadas e eu fico emocionado de dizer isso, porque a gente brigou muito para ter parlamentar lá conosco, mas como a gente vinha com o “Kit Anti-Homofobia”, ninguém tinha e teve a coragem. A Fátima Bezerra e reconheço aqui também o Deputado Tiririca, porque eles estavam lá presentes, e bancaram a discussão, a Fátima quando viu indo eu discutir com o Bolsonaro, ela quase pulou por cima de mim. (...)

Sara Wagner: (...) e você lembra Daniel, qual era o nome dessa mulher Trans?

Daniel Cara: (...) Era a Bianca. Era a Bianca que estava lá. A Bianca que ela era da BGLT, e ela tinha uma fala belíssima, minha amiga também né? Participou de várias atividades comigo no Conselho Nacional de Educação, ela teve uma fala belíssima e tinha uma palestra que ela fazia, que foi a base dessa fala e que chamava atenção pelo fato de que ela não tinha direito a educação assegurada porque a escola a expulsou. O Sistema de Ensino a expulsou.

Sara Wagner: Exatamente! Daniel, hoje a gente tem no Brasil, pouquíssimas Doutoradas Travestis, pouquíssimas, e na Educação nós temos Doutoradas, duas, que vamos dizer, uma terceira agora, Travesti que eu digo. Ainda é uma coisa muito pequenininha, que a gente conta com muito poucos aliados, e eu acho que aí me

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

permita dizer, porque é muito interessante o que você traz, porque, diz exatamente sobre a sociedade que nós temos, que é uma sociedade que “aplaude o filho que migra”, mas que recebe “com pauladas o filhos dos outros que vem”. Então, quando o meu filho vai, eu aplaudo, a gente faz festa, mas quando o “filho de outro alguém vem”, a gente não recebe do mesmo jeito.

Imagine que eu falei de vários assuntos aqui e você conseguiu correlaciona-los com uma fala de Bianca que é de 2011, então, são muito poucos os passos que nós demos. Nós demos alguns passos que merecem ser pensados e ditos. Em 2014 a gente tinha a possibilidade, ainda, e em 2014, olha lá quem era o Secretário de Educação hein? Era o Professor Fernando Haddad de novo, a gente tem o nome social no ENEM, isso (...)

Daniel Cara: (...) aí era o Mercadante. Ministro da Educação.

Sara Wagner: (...) Ah sim, era o Mercadante o Ministro da Educação no Governo Dilma. E a gente já tem a possibilidade do nome social no ENEM. Isso é um avanço porque a escola começa a aceitar isso, e a pergunta sobre essas demandas é: Quem você vai procurar? Por exemplo: Eu pergunto a você. Daniel, como é que se preenche diário de classe por exemplo? Você é Doutor em Educação, por uma das mais Universidades respeitadas do país e com muitas coisas dentro da educação que você não saiba! Essa pode ser uma delas! Mas quando essa pergunta é lançada a mim, que sou uma mulher Trans e uma Travesti na Educação e da Educação, se eu não souber essa resposta, eu sou inclusive, inferiorizada por saber menos.

Então, dentro do campo da Educação eu preciso saber de: Quais são os procedimentos para colocar o nome social no diário escolar, que é um trabalho técnico e eu sou mestre em educação, e me coloca a pensar em outras coisas, mas se eu não souber isso, eu sou deslegitimada dentro desse espaço. Então, o tempo todo a gente vem lutando por uma prática de representatividade que a gente sabe que só agrega, isso só agrega a escola. Eu vou te dar um exemplo disso, para a gente escurecer o exemplo sobre isso: Meus amigos, alguns amigos meus passaram para

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

Medicina, amigos brancos, homens héteros, bonitos e todo mundo falava “ele merece, é muito difícil passar para medicina”. Em 2016 um aluno meu me perguntou: “Ah Professora, como é que você vai dar aula de produção de texto se você não fez o ENEM? Você já fez o ENEM?”, eu falei “Não” e ele falou; “Ah, então você tem que fazer o ENEM e aí você vai saber se realmente você vai dar conta ou não”. E eu falei: “Ah, então tá, eu vou fazer o ENEM!”.

E na época eu passei no ENEM (...)

- (CORTE PARA SARA MOSTRANDO A FOLHA DE SUA APROVAÇÃO NO ENEM EM MEDICINA)

Sara Wagner: (...) *Então, tá aqui a prova, ó, eu passei no ENEM com o meu sobrenome. Consegue ver?*

Daniel Cara: (...) *Consigo ver. Medicina. Em São João Del Rey.*

Sara Wagner: (...) *Exatamente, em Medicina. E eu passei e pude dizer isso, eu sou uma Professora, e não é porque eu não tive uma outra opção não, eu não sou Pedagoga porque eu não tenho uma outra qualidade não. Eu escolhi não estar na Medicina, e escolheria MUITAS VEZES ser a pedagoga que eu sou, porque aqui eu aprendi como que se aprende esse trabalho tão artesanal que é “aprender para sí que é para aprender como lidar com o outro, para aprender como facilitar compreensões para quem a gente acha que, supostamente, a gente consegue educar”.*

Daniel Cara: *Exatamente. Então, só aqui, para eu poder te dar um respiro, mostrar aqui como a nossa live está sendo acompanhada por muita gente (...)*

- (CORTE PARA DANIEL CARA COMENTANDO AS INTERAÇÕES COM OS PARTICIPANTES DA LIVE QUE PARABENIZAM SARA PELO TRABALHO)

- (CORTE PARA SARA FALANDO DOS PARTICIPANTES DA LIVE ALEXANDRE NABOR E FABRÍCIO VILELA)

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

Sara Wagner: (...) Deixa eu só falar sobre dois que você agora citou. Alexandre Nabor, é uma pessoa importantíssima. O Alexandre ele tem um conceito que chama “cidadânedade”. A gente tem vários conceitos cidadania, de cidadanização, mas o conceito de cidadânedade, que foi cunhado por Alexandre Nabor e interessantíssimo, porque ele diz, eu estou dizendo “a muito grosso modo para ser rápida”: Ele diz que o Estado vem e dá uma série de coisas para o indivíduo, é só ele ir lá e tomar posse, então por exemplo: O Direito tá aí, é só você ir na Assitência Jurídica, e você ir lá e fazer o que tem pra você fazer, o problema é que algumas pessoas não se sentem DIGNAS de ser esse CIDADÃO, e aí não basta a cidadanização acontecer, e aí precisa se pensar a “cidadaniedade”, que é o sujeito se sentir capaz de se sentir importante minimamente para lutar por essa cidadania que a gente pensa. Isso é fabuloso! E isso é um conceito de Alexandre Nabor.

O Fabrício Vilela, que é um parceiro lá dos estudos Queer, que é um intelectual e é mestre em história, e os estudos Queer e a perspectiva Travesti é exatamente isso, tá em moda agora, a gente falar esse nome, mas o que é isso? É exatamente esse modo de ser homem, de ser mulher, que muitas vezes, muitos de nós somos. Quem nunca ouviu uma mulher ou uma avó dizendo assim: “Eu sou muito mais homem do que esse fulano, ou um homem falando; ‘Ah, eu faço igual mulher’; tudo isso são dinâmicas de uma performatividade de um roteiro de gênero que a gente não pensa. Mas que a todo tempo é reforçado em nossa cultura.

Daniel Cara: Muito bom, ó, uma outra pessoa aqui te parabenizando a Cassia Nonato, tá sinalizando muito aqui no nosso chat, comentando a sua fala, reforçando os argumentos que você traz, e também agradecer mais uma vez a Cassia.(...)

- (CORTE PARA DANIEL CARA COMENTANDO AS INTERAÇÕES COM OS PARTICIPANTES DA LIVE QUE PARABENIZAM SARA PELO TRABALHO)

Sara Wagner: (...) Temos que lembrar também Daniel, que a gente não quer criticar, a gente defende uma Escola, mas a gente defende uma Escola que é PÚBLICA, ela

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

é laica, ela é para todos, ela é de graça e ela tem que ter todos esses viés que precisam ser ditos, mas mais que isso, é uma educação que é pensada no viés do atendimento que ele entende que é um cidadão, e àqueles que não sabem ainda que são merecedores dessa educação. Porque Educação é Direito! Eu estou indo para a pós-graduação e para um programa de Doutorado agora, e eu não vou porque eu sou bonita ou a garota sensação, eu estou indo porque é um direito meu prosseguir nos meus estudos, e isso a gente precisa dizer insistentemente.

Daniel Cara: *É isso aí, e temos a Ana Paula Orlandi, que é mãe do meu grande amigo Gabi, e ela tá mandando: “Parabéns Sara, precisamos de vozes corajosas aqui no Brasil, então um beijo Ana Paula.*

- (CORTE PARA DANIEL CARA COMENTANDO AS INTERAÇÕES COM OS PARTICIPANTES DA LIVE QUE PARABENIZAM SARA PELO TRABALHO)

Daniel Cara: *E você está vendo aí que tem muita gente acompanhando esse nossa conversar, essa nossa conversa que fala sobre inclusão da Educação. Eu gostei muito desse conceito da “Cidadaniedade”, que é a cidadania vinculada com a ideia da dignidade, de reivindicação da cidadania, que todos devem ter o poder de reivindicar os direitos, porque concretamente se trata disso. E a gente conversa aqui com a Sara York, e querendo reforçar que a nossa audiência rotativa, que ela é professora e mestra em educação, uma mulher Trans, Pai, Avó e uma mulher Travesti e ela explicou a importância reconhecer a identidade dela como Travesti, dando uma aula para todas e para todos nós, e para todxs nós também.*

Sara, uma pergunta muito importante que tem muita gente querendo acompanhar o seu trabalho e conhecer a sua história. Você é autora de livros né? E é uma autora pujante né? Autora de livros, artigos e também participação em diversas construções acadêmicas de construção narrativa e de construção literária; Então, eu queria que você contasse um pouco dessa sua face “autora”, essa face autora da nossa amiga Sara, a minha amiga Sara, então, conta pra gente aqui!

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

Sara Wagner: *Daniel, eu acho que a gente está construindo novos moldes, como diz o Paul Preciado: “Vai chegar um dia que a gente vai sentir vergonha que a gente categorizava pessoas pelo que elas tinham entre as pernas”. E esse dia está chegando, esse dia está chegando, porque a gente parte do pressuposto que a gente sabe o que todo mundo tem pelas roupas, pelos cortes de cabelo e pelos pêlos que elas usam, mas a vida é muito maior do que isso.*

E talvez pensar tudo isso a partir dessas análises (...)

- (CORTE PARA SARA MOSTRANDO A CAPA DO LIVRO CHAMADO “EDUCAÇÃO EM DISPUTA”)

Sara Wagner: *(...) e aqui a gente tem o “Educação em Disputa” um livro que é feito pelos Professores Daniel, Jessica e o Rodrigo e que foi organizado por eles; A gente fala dessa educação que a todo tempo é ameaçada. O tempo a gente precisa estar fazendo laços e é muito importante dizer que: “A escola, apesar da gente falar muitas vezes que a escola é isso, a escola é aquilo, é bom a gente lembrar; não é a Escola. Alguns sujeitos da Escola se sentem “os donos da escola’ quando na verdade, a Escola é um lugar PÚBLICO! E aí, dentro desse lugar que é público, qualquer um de nós manda. E manda com muita categoria.*

Então assim, quando alguém diz e coloca “que a escola não presta”, ela precisa muito rever de que escola é essa de que ela está falando, porque provavelmente, o que ele tem como noção de escola, é na verdade, UMA PESSOA QUE ESTÁ LÁ DENTRO UM SERVIÇO QUE NÃO ATENDE A MAIORIA DAS PESSOAS, que não atende um determinado registro MINORITÁRIO em prol de um grupo, porque a escola não é isso. A escola é feita, como tudo na vida, é feito de pessoas, infelizmente, em alguns momentos, tem essas “emergências”; Esses sujeitos mais NOCIVOS, por assim dizer, e aí a gente precisa lutar muito, contra esse tipo de escola (...)

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

- (CORTE PARA SARA MOSTRANDO A CAPA DO LIVRO CHAMADO “GÊNERO, SEXUALIDADE E GERAÇÃO – INTERSECCÇÕES NA EDUCAÇÃO E/M SAÚDE”)

Sara Wagner: (...) esse livro aqui, é um livro a qual eu tenho participação em um capítulo; que é o “Gênero, Sexualidade e Geração”, que é organizado pelos Professores Fernando Bocaife, Felipe Carvalho, Nilton... (...)

- (CORTE PARA SARA MOSTRANDO A CAPA DO LIVRO CHAMADO “ESTUDOS SOBRE GÊNERO, IDENTIDADES, DISCURSO E EDUCAÇÃO – HOMENAGEM A JOÃO W. NERY”)

Sara Wagner: (...) E esse livro aqui é uma homenagem a João W. Nery, organizado pelo Professor Dani, da Universidade do Mato Grosso e porque que eu estou trazendo esse pessoal? (...)

- (CORTE PARA SARA MOSTRANDO A CAPA DO LIVRO CHAMADO “NOS BABADOS DA ACADEMIA ”)

Sara Wagner: (...) E esse livro, “Nos babados da Academia”, organizado pela Ana Maria Barbará e por Sérgio Luiz Baptista da Silva, porque eu quero que todo mundo que esteja nos assistindo, Daniel, saiba que isso aqui é Universidade. A Universidade tem um monte e tem algumas pessoas que a gente nem sabe por quê existe, mas a Universidade tem tanta gente que a gente quer beijar na boca, a gente quer abraçar, a gente quer trazer para perto e essas pessoas existem. Gente como você, gente como o Fernando Horta, que bota a gente pra pensar lá na UNB, gente como as grandes pessoas da UNIRIO, eu eu falei agora pouco, a Luly, e (...)

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

- (CORTE PARA SARA MOSTRANDO A CAPA DO LIVRO CHAMADO “CORPOS TRANGRESSORES – POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA”)

Sara Wagner: (...) *E esse aqui é um outro livro, esse aqui eu organizei também com Professores daqui, do Mato Grosso, do Rio de Janeiro, e aí um livro que eu estou lendo, que eu ganhei do Alexandre Magno, que é um parceiro (...)*

- (CORTE PARA SARA MOSTRANDO A CAPA DO LIVRO CHAMADO “EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE”)

Sara Wagner: (...) *É esse aqui, não sei se você conhece?*

Daniel Cara: *Conheço. Tá aqui ó?!*

- (CORTE PARA DANIEL CARA MOSTRANDO O LIVRO QUE ESTAVA ATRÁS DELE EM UMA ESTANTE, O MESMO CHAMADO “EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE”)

Sara Wagner: (...) *É esse aqui eu ainda estou lendo, que é do Fernando Cássio, que é idealizado por ele, e que tem um trecho lá seu, e me perco nessas aqui né? (...)*

- (CORTE PARA SARA MOSTRANDO A CAPA DE DOS LIVROS DE “BELL HOOKS”)

Sara Wagner: (...) *Bell Hooks né? Para quem quer ler algo interessante, temos Bell Hooks e esse que eu fiz uma revisão muito carinhosa (...)*

- (CORTE PARA SARA MOSTRANDO A CAPA DO LIVRO: “JACOB(Y) ‘ENTRE OS SEXOS’ E CARDIOPATIAS”)

Sara Wagner: (...) *que é a história do Jacob. O Jacob é esse bebê Daniel, que ele nasceu como uma cardiopatia e ele é intersexo. É um bebê que não tem uma genitália*

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

definida, e tem múltiplas comorbidades. E no primeiro dia de vida intra-uterina, na barriga da mamãe, até o último, ela era encorajada a abortá-lo pelo sistema de saúde.

Então, o Sistema de Saúde, o Governo, ele... “O que você tá dizendo Sara? Deixa eu ver se eu entendi direito: Você está dizendo que o Sistema de Saúde aborta crianças?”.

Sim. Sim, esse Sistema faz isso! E faz quando uma criança custa caro para ele. Então uma criança com “múltiplas comorbidades”, e que é cardiopata, e que é intersexo e que custa muito dinheiro, essa criança não é interessante para o Governo, mas na realidade diz que é “Pró-vida”, e quando na verdade “não quer mantê-la viva”.

*E ele faleceu aos dois anos de idade, o Jacob. E ela conta essa história. O título do livro é “**JACOB(Y) ‘ENTRE OS SEXOS’ E CARDIOPATIAS – O QUE FEZ O ANJO**”, Então é isso. Histórias que a gente ignora, que a gente não vê, que a gente precisa muito compreender, isso tudo tá dentro da sala de aula. Tudo isso que a gente tá falando Daniel, corrobora para uma sala de aula excludente e sem a diferença e sem a diferença, todos nós perdemos. Com a diferença, todo mundo aqui ganha, porque a gente aprende a lidar com o outro, a gente aprende a respirar, a viver e a ser melhor no mundo.*

Daniel Cara: *Muito bom Sara! Sara, a gente infelizmente tá chegando aqui no fim do nosso programa, tudo que é bom uma hora acaba! Uma tristeza isso né? Mas nossa, todo mundo gostando demais aqui da entrevista. Eu posso te dizer que é uma das entrevistas que eu estou mais aprendendo.*

O que eu gosto desse programa é que eu tenho a chance de aprender com pessoas muito especiais e que entrevista boa, é entrevista que a gente aprende, e eu estou aprendendo demais com você, já te conheço já algum tempo, né? A gente já é amigo, já de alguns anos aí, de algumas caminhadas, de algumas lutas pelo direito a educação, mas quero te dizer que a cada vez que eu te encontro, mesmo que seja um

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

encontro a distância, eu aprendo mais e mais com você, e é uma pena que a gente tenha que finalizar um programa e já quero te fazer um pré-convite, para em uma outra oportunidade a gente dar sequência a essa conversa, para você mostrar o seu trabalho, pra gente tocar em outros pontos né?

Nessa uma horinha que a gente teve aqui contigo, mas eu queria fazer as duas últimas perguntas que é uma tradição do nosso programa, antes de fazer essas perguntas, eu quero agradecer à minha chefe, a Cecília Bacha, que nos acompanha aqui e que muitas vezes faz a técnica aqui que ajuda a gente a construir esse programa, ao Fernando Sato, o “rei do misto-quente”, que é quem faz a nossa arte, e dizer que o Sato é muito especial e que a gente sente muita falta quando ele não acompanha aqui o programa, porque ele manda mensagens e te dizer Sara, que o nosso programa está sendo acompanhado por muitas pessoas e entre elas, são pessoas que compuseram o Ministério da Educação durante os governos Lula e Dilma, e aí vem um recado de Aluizio Mercadante que, “ele não era o Ministro na época do nome social, mas era o Ministro da Casa Civil e como Ministro da Casa Civil ele orientou à época o Ministro da Educação, que era o Ministro José Henrique Paim”, e dizer que ele “tá muito orgulhoso da sua entrevista, e te manda um abraço e um beijo, agradece a sua fala e ele diz inclusive que ele encerra a passagem como Ministro da Educação fazendo uma atividade no INEP”, uma atividade que contava com a minha presença também, a gente lançando o SINAEB, que era uma ideia da Campanha Nacional do Direito a Educação, dos SEDES, que consta no Plano Nacional do Direito a Educação, que é o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, que iria trazer avaliação sobre o direito de todas as pessoas na educação e que trazia também concretamente a agenda LGBTQI+, então, tudo isso aqui foi pedido para eu falar pelo WhatsApp, eu tô cumprindo aqui uma dura tarefa de talvez ter dado conta de todas as mensagens que chegaram. Muita gente te elogiando, muita gente te agradecendo (...)

Sara Wagner: (...) e eu chorando (emocionada)

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

Daniel Cara: (...) *É.... Muita gente importante do debate educacional: Então, agora chega aquele momento triste com duas perguntas que são importantes e tradicionais aqui no nosso programa, a primeira pergunta, Sara, é: Qual é a sua dica cultural? As pessoas querem saber o quê que a Sara curte fazer, curte ouvir, o que que ela curte ler... Enfim, o que que você indica para todo mundo que nos acompanha, que está assistindo agora, e que vai assistir depois como dica cultural, nesse dura pandemia que a gente enfrenta no Brasil e no Mundo?*

Sara Wagner: *Eu acho que eu tive um problema no olho, e eu não pude enxergar, durante dois dias. Eu sou uma mulher deficiente, eu tenho um olho cego e de um olho eu só enxergo esse... E o único olho que eu enxergo ficou cego por dois dias (...)*

Daniel Cara: (...) *Meu Deus...*

Sara Wagner: *E isso foi agora dia primeiro de julho, e eu tive vários amigos, mas teve um momento em que eu pensei... E... (emocionada)*

Teve um momento em que eu pensei e eu comentei com a Joana Marafon que tava aqui agora, eu falei: “Ainda bem, que eu posso ler meus livros, agora nas lives. Porque eu pude acessar gente como Jessé de Souza, gente como você, gente como Iracema, gente como Fernando Pena, gente como... Tanta gente que faz sentido pra mim através das lives, e eu não precisava “só ler”, então mesmo impossibilitada, eu continuei me divertindo com essas pessoas incríveis.

Daniel Cara: *Ah, muito bom, então a dica é acompanhar live: “Live contra a Injustiça Social e de quem quer Justiça Social”, essa é a dica. Essa é a dica da Sara. E o que você aprendeu durante a Pandemia Sara? Essa é uma pergunta que eu tenho feito e tem sido importante para quem acompanha aqui o nosso programa.*

Sara Wagner: *Daniel, quando eu descobri que eu tava... O último abraço que eu dei, você não vai acreditar: Mas foi na Presidenta Dilma. Esse foi meu último abraço. Esse*

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

abraço foi em uma aula inaugural da UERJ. Foi um abraço rápido na aula inaugural da UERJ desse ano, e aí a gente foi embora. E passado alguns dias, eu tive alguns compromissos, e eu recebi a mensagem que a gente tava em quarentena, e aí eu não saí mais por uma série de complexidades de saúde. E aí você me pergunta né, o que eu aprendi na pandemia? Na pandemia, eu aprendi a deixar registros da minha passagem pela terra em vídeos. Eu quero que; O meu neto olhe (emocionada) e ele acesse essa live, e ele diga, e eu me emociono toda porque tem mais de um ano que eu não abraço o meu filho e o meu neto, e eu queria que ele visse e dissesse: “A minha avó era educadora, ela era amiga do Daniel e de um monte de gente bacana e ela era massa” (emocionada).

Daniel Cara: *Que lindo! Ó, vamos aproveitar e mandar um beijo pro Nicolas, neto da Sara. Nicolas, um beijo pra você! A sua avó é uma pessoa espetacular, extremamente especial e ela engrandece, todas e todas, todos e todxs, as pessoas que conhecem ela e que tiveram a oportunidade de conhecer um pouquinho dela aqui nessa live.*

Eu tenho orgulho de dizer que eu, a Catia e os Jornalistas Livres a gente só foi um veículo para que a Sara pudesse ensinar a todos, a todas e todxs nós a ser um pouquinho mais humano, um pouquinho mais atendo, um pouquinho mais em de fato construir um mundo que seja de fato acolhedor, e é essa a experiência que a Sara nos trás, sobre a história de luta dela, a história de superação, a história de uma mulher que conseguiu, diante de todos os limites que ainda são impostos, porque a Sara ensinou isso aqui pra gente, o quanto que é difícil ela batalhar todos os dias pelo respeito, por algo que alguém não deveria sequer levantar a voz, mas que, concretamente, pessoas como a Sara nos ensinam que a gente nunca deve parar de lutar; Como diriam os gaúchos né? Eu sou apaixonado pelos Pernambucanos, pelos Gaúchos, pela tradição de todos os Estados desse rico país chamado Brasil, mas os gaúchos dizem que: “Não tá morto quem peleia”. E a Sara peleia todos os dias, viu Nicolas? Parabéns pela sua avó viu? Você tem um prazer enorme! Uma honra de ser neto de Sara York, minha amiga, Sara, mando um beijo aí para todos e todxs que nos acompanham! Muita gente aqui emocionada!

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

Sara Wagner: *Um beijo para todo mundo, eu tô me acabando de chorar... Porque a gente rí com muita facilidade. A gente rí de qualquer piadinha. A gente tá rindo, arreganhando os dentes com essa cultura, mas chorar a gente ainda esconde. E eu gosto tanto de chorar, eu acho que quando a gente derrama uma lágrima, a gente tá regando muito aquilo que a gente planta, e a gente planta muito! A gente vive isso! E é visceral para algumas pessoas e eu vejo isso cotidianamente nas nossas lutas.*

Daniel, muito obrigada! Muito obrigada! Você é uma grande mulher que constrói muitas coisas! Pra todo mundo que passou nessa live! Eu sou fã dos Jornalistas Livres gente! E aí não dá (risos) Porque eu só vou encher a bolinha de todo mundo. Eu amo o canal. Eu sigo e acho que isso aqui é o futuro do que a gente espera ver em nível de mídia. Uma mídia limpa! Próximo daquilo que é honesto, daquilo que é digno, e ético... É isso... Muito obrigada!

- (CORTE PARA DANIEL FALANDO DA INTERAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA LIVE)

Daniel Cara: *Para quem quer saber mais da luta da Sara, procurem a Sara no Instagram, procurem a Sara nas redes sociais. Certamente a Sara, como faz com todo mundo, ela vai te acolher, vai conversar contigo, você vão se conhecer... Sara é uma pessoa incrível!*

Meus amigos e minhas amigas, infelizmente eu tenho que encerrar aqui a nossa live. Quero dizer que foi uma live belíssima, como não poderia deixar de ser com Sara York. Faço um convite a todas e todos vocês porque aqui eu tenho um compromisso; Eu sempre tenho entrevistado professores e professoras. Nós começamos com o grande Fabiano Melodia, agora a gente entrevistou a Sara. Nós já conversamos com professores e com professoras que trabalham diferente e para a próxima semana, eu estou pensando se a gente mais uma vez, conversa com professor e com professora, ou se a gente trás uma nova experiência, uma nova

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

perspectiva, talvez um economista ou um cientista político, ou uma cientista política ou um economista para a gente discutir as questões da pandemia.

Mas concretamente o que eu quero dizer é que a Sara, deu um SHOW aqui na nossa live; Foi belíssimo, tive alguma forma de conhecer o Nicolas, quero poder conhecer e conversar com ele, que é o neto da Sara, quero ter contato e conversar com pessoas novas que chegaram aqui no chat. E vocês já sabem, quinta-feira que vem, as oito e meia da noite, horário nobre aqui no “Jornalistas Livres”, a gente vai fazer mais uma entrevista, e uma entrevista que vai lhe ensinar e que vai poder ensinar a todas as outras pessoas que acompanham porque assim é a educação, a gente ensina e a gente aprende juntos, juntas e juntxs! Sara, no final, eu vou aprender a colocar todas as questões aqui certinhas! Quero dizer que foi um prazer! Quero te mandar mais uma vez um beijo! Não tô conseguindo nem terminar essa live porque eu não quero sair daqui!

Então mais uma vez, Sara, eu vou te dar o espaço para você encerrar aí essa live. Dar uma mensagem ao nosso público e dizer que tem muita gente te elogiando aqui no WhatsApp... Obrigado, Obrigado e Obrigado!

Sara Wagner: *Bom, então é isso, sigam lá. No Instagram eu coloco muita coisa, no Facebook muito mais, mas tem um lugar que eu sou muito zelosa com os textos que é no Midium. No Midium eu tenho uma página que é sempre @sarawagneryork, e lá tem textos de gente muito fabulosa, que eu fico tentando traduzir, é o meu passatempo, é o modo como a gente faz. Ajuda a gente fazer uma escola onde eu e meu neto não precisemos nos sentir constrangidos como numa festa de família. É isso.*

- (CORTE PARA DANIEL e SARA FAZENDO AS CONSIDERAÇÕES FINAIS)

- (FIM DA LIVE)

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644458266>

Correspondência

Daniel Trajeiro Cara — Universidade de São Paulo — R. da Reitoria, 374. Cidade Universitária, CEP 05508-220 Butantã, São Paulo, São Paulo, Brasil.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0)